

## **ANÁLISE MUSICAL: TEORIA E PRÁTICA**

**Coordenação:** Amilcar Zani  
azani@terra.com.br

**Relator:** Antenor Ferr  
antenorferreira@yahoo.com.br

O grupo de trabalho *Análise Musical: teoria e prática*, embora organizado por músicos ligados à Universidade de São Paulo (Amilcar Zani, Rogério Costa e Antenor Ferreira), foi constituído por profissionais atuantes nas mais variadas instituições de ensino superior do Brasil, como UFRJ, USP, UNICAMP, UNIRIO, UFG, UFMG, entre outras, de modo a permitir uma comparação entre as diversas grades curriculares aplicadas nessas escolas. Teve como objetivo refletir sobre a *análise musical* abordada por suas várias vias de atuação, quais sejam: ferramenta composicional, auxiliar da performance, fundamentação de juízo estético e enquanto disciplina dos cursos de música.

O mote impulsionador e conseqüente justificativa para a proposição desse grupo foi o entendimento de que a análise musical é um dos domínios da música que mais se desenvolveu no século XX, principalmente a partir da segunda metade do século, época em que se consolidou efetivamente como subárea de pesquisa nos programas de pós-graduação, em razão da exigência nos meios acadêmicos de conferir maior “cientificidade” à pesquisa musical. Entendida como a única

via para se chegar ao conhecimento da estrutura e funcionamento de uma obra musical, por meio da investigação de seus elementos constitutivos e da função que exercem nessa estrutura, a análise musical parece ter se constituído como uma atividade intelectual em si mesma. Em vista disso, algumas questões podem ser levantadas: de que maneira, hoje, a disciplina análise musical reflete essa situação descrita e que caminhos oferece para viabilizar sua aplicabilidade prática? Tendo a universidade tornado-se reduto dos compositores de vanguarda, de que maneira a análise musical é empregada como ferramenta composicional? Qual porcentagem do conteúdo curricular deve ser destinada ao estudo da música *pós-tonal*? Com o intuito de debruçar-se sobre essas e outras problemáticas intrínsecas à análise musical, grupo foi formado, optando-se por organizar os trabalhos em duas partes: realização de pequenas conferências e subsequente formação de mesa de discussões, fases essas detalhadas a seguir.

Na primeira parte dos trabalhos, os professores trataram, em suas conferências, da análise musical segundo suas especialidades, levantando reflexões de ordem geral e pontual com o intuito de fornecer material para as discussões posteriores.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Pascoal (UNICAMP) iniciou a seção traçando um panorama dos procedimentos técnico-composicionais e dos elementos musicais presentes no repertório pós-tonal (primeira metade do século vinte), enfatizando as possibilidades analíticas que cada obra comporta. Mostrou principalmente as diferenças entre os termos usados nas análises da música tonal comparados aos

da pós-tonal, nas considerações de Sephan Kostka e Joseph Straus.

Na abordagem específica da análise da música eletroacústica, o Prof. Dr. Rodolfo Caesar (UFRJ) tratou dos parâmetros postos em jogo no discurso musical eletroacústico e a possibilidade de fornecerem subsídios para embasar a análise. Discorreu, também, sobre as tendências para criação de analogias verbais e imagéticas em correspondência aos estímulos sonoros (principalmente texturais) provenientes da composição. Analogias estas que remontam à classificação tipo-morfológica de Pierre Schaeffer e encontram desdobramentos recentes na noção de trans-sensorialidade de Michael Chion (que defende a não homogeneidade dos sentidos) e na espectromorfologia de Dennis Smalley.

Com relação ao trabalho mais imediato do compositor, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marisa Rezende (UFRJ) abordou a existência da análise em curso, isto é, aquela ocorrente durante o trabalho de composição. Assim, concomitante à existência prévia de um projeto formal para a obra, o compositor atua como o analista de seu próprio método, promovendo uma racionalização em processo. Essa racionalização mediadora favorece o olhar crítico retrospectivo sobre o que se compõe.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Garcia (UNICAMP) ateu-se sobre a importância da teorização no cerne de uma atividade primordialmente prática que é a música (quer seja da prática composicional ou da performance) e a atuação da análise no interior desse processo de teorização. Ao lado da função que desempenha nos sistemas de ensino, a teoria tem o significativo papel de atualizar o pensar musical, pois a reflexão

teórica atualiza os materiais usados na consecução do pensamento musical. Ao permear esse processo, a análise foca os pontos de embate do compositor e toma parte nas discussões estéticas agindo (nos dizeres de Dahlhaus) como balizadora nos julgamentos de valor.

Aspectos ligados à interpretação musical foram tratados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sonia Ray (UFG). Ao postular a responsabilidade do intérprete na execução consciente do repertório, a análise firma-se como uma ferramenta essencial dentro do percurso de aprendizado que vai do entendimento da obra até sua posterior apresentação. De igual importância são os conteúdos abordados nas publicações científicas na área da performance musical. A professora salientou que tópicos como ensino instrumental, escrita idiomática, técnica estendida, associação com outras áreas do conhecimento (psicologia e neurolinguística, por exemplo), merecem ser melhor considerados pelos periódicos dedicados a esse campo de pesquisa.

Na segunda parte dos trabalhos do grupo, foi formada uma mesa de debates composta pelos Professores Doutores Amilcar Zani (USP), Carole Gubernikoff (UNIRIO), Rogério Costa (USP) e Marcos Lacerda (USP). As discussões foram como que desdobramentos das reflexões apresentadas anteriormente nas conferências. De modo geral, centrou-se foco sobre problemas concernentes ao ensino da análise musical. Enquanto disciplina nos curso de graduação, a análise musical possui uma tradição na abordagem do repertório. Entretanto, face à natureza dinâmica da atividade artística e às atuais querelas sobre reforma universitária e flexibilização curricular, torna-se premente indagar sobre o que deve ser

feito com a disciplina “análise musical”. A análise musical é sem dúvida uma ferramenta de aprendizagem, de aquisição de conhecimento e de construção de um domínio da linguagem musical. Entende-se que os métodos analíticos tradicionais não caíram em desuso e propiciam importantes ilações, inclusive, sobre a música contemporânea. Todavia, a vasta gama de procedimentos composicionais *pós-tonais* implicaria no repensar do ensino da análise musical e também das disciplinas correlatas, como harmonia e contraponto. Essa revisão poderia, por exemplo, centrar-se no tratamento do *conceito* implícito nas propostas pedagógicas que cada disciplina comporta; desse modo, dever-se-ia refletir sobre aquilo que se entende contemporaneamente por contraponto e harmonia, bem como, sobre o propósito de cada uma dessas disciplinas na estrutura curricular atual. A ampla gama de procedimentos composicionais abarcados pela análise musical faz considerar também a carga horária destinada a essa disciplina e, no interior desta, a porcentagem de tempo destinada ao estudo e análise do repertório da música do século vinte.

Em vista das reflexões apresentadas, considera-se necessário que haja maior integração entre a análise musical e as outras disciplinas teórico-práticas constantes dos cursos de música, uma certa disposição mais holística do processo de aprendizagem. Esse intercâmbio certamente trará bons frutos ao sistema de ensino musical. Seria também bem vinda uma revisão das abordagens e enfoques destinados aos diversos tópicos contemplados pela disciplina análise musical, bem como do tempo destinado à apreciação desses tópicos.